

# ORACOENS GRATVLATORIAS

NA FELIZ VINDA  
DA MVITO ALTA, E MVITO  
PODEROSA RAINHA DA  
GRAM BRETANHA;

COMPOSTAS, E RECITADAS NA  
Igreja da Divina Providencia à Nobreza  
de Portugal

NAS TRES ULTIMAS TARDES DO MEZ  
de Janeiro de 1693.

Pelo P. D. RAPHAEL BLVTEAV,  
Clerigo Regular Theatino da Divina Providencia, Dou-  
tor na Sagrada Theologia, & Prègador da Rainha  
Mây de Inglaterra, & Qualificador do Santo  
Officio no Reyno de Portugal.



LISBOA,  
Na Officina de MIGUEL DESLANDES;  
Impressor de Sua Magestade.  
*Com todas as licenças necessarias.* Anno de 1693.

ORACIONS  
GRATULATORIAS

NA FELIZ VINDA  
DA MVITO ALTA, E MVITO  
PODEROSA RAINHA DA  
GRAM BRETANHA,

COMPOSTAS, E RECITADAS NA  
Igreja da Divina Providencia á Nobreza  
de Portugal.

NAS TRES ULTIMAS TARDES DO MEZ  
de Junho de 1723.

Pelo P. D. RAPHAEL BLUTEAU,  
Clerigo Regular Theologo da Divina Providencia, Dou-  
tor na Sagrada Theologia, & Pregador da Rainha,  
Má de Inglaterra, & Qualificador do Santo  
Officio no Reyno de Portugal.



LISBOA,  
No Officina de MIGUEL DESLANDES,  
Impressor de Sua Magestade.  
Com toas as licenças necessarias. Anno de 1723



# L I C E N Ç A S .

## Do Santo Officio.

**M** Andame Vossa Illustrissima veja estas Oraçoens Gratulatorias, que na feliz vinda da Muito Alta, & Poderosa Rainha da Gram Bretanha disse, & agora quer imprimir o Reverendo Padre D. Raphael Bluteau, Doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Rainha Mãy de Inglaterra, & Qualificador do Santo Officio, & tenho que agradecer a Vossa Illustrissima a cõmissãõ, porque com ella refarci a pena, que me acõpanhava, de não ter sido ouvinte, quando com admiração de todos as disse na Igreja da sua Religiaõ. Li-as, & confesso, que quanto à vontade não acabei de as ler, porque a singularidade, com que estaõ feitas, me prendeo desorte os sentidos, que chegando algũas vezes à ultima pagina, tornava outra vez a dar principio à leitura. E ainda não acabàra, senão vira ser prejudicial ao Author, & a todos a demora: ao Author retardando-lhe o applauso que merece pela obra, & aos mais roubandolhe a joya da mayor valia, succedendome o que escreve Mantifano no Elogio de Mirandulo: *Legi tanta animi voluptate, quanta luculentia splendet, sed cum legendo dum cupio sedare sitim, sitis altera crescit.*

He a materia repartida em tres partes, ou Còros, no das Virtudes, no das Graças, & no das Musas, applaudindo todas a reversãõ, com que a Serenissima Rainha se restituiu (qual outro Sol) ao Emispherio do seu nascimento, desterrando as trevas da faudade, que nos coraçõens dos Portuguezes tinha causado a ausencia da sua amada, & sempre amavel Rainha: *Oritur Sol*, Eccles.c.

*Et occidit, & ad locum suum revertitur.* Bem o deo a  
conhecer a alegria universal, com que foi recebidade  
todos, demonstraçaõ do excessõ com que a desejava ;  
se já não foi prognostico da felicidade q̄ se lhe prome-  
tia, porque se hũa Estrella por disposiçaõ Divina ajun-  
tou em Belem tres Magestades, outra Estrella, confe-  
quencia para Portugal de felicidades, por disposiçaõ do  
Ceo ajuntou na sua Corte de Lisboa com esta ditosa  
vinda tambem tres Magestades. No primeiro Coro,  
diz o Author, que he Celeste, no segundo Pacifica, &  
no terceiro Perfeita: *Revertere Caelestis, revertere Paci-  
fica, revertere Perfecta.* E com razaõ, porque se achao  
nesta Serenissima Rainha aquellas qualidades, & ex-  
cellencias, que ha de ter a Perfeita, & Celeste Rainha:  
*Ad Reginam pertinet Regem cum populo concordare, sem-  
per clementiam demonstrare, semper decentiam adornare,  
hostis potentiam refranare, legis amicitiam vindicare,* dis-  
se o douto Bercorio; o que executou pontual, porque  
entre o Rey, & os Povos estabeleceo a concordia mais  
firme, sendo affavel, & por antonomasia benigna; taõ  
decente, & modesto o trato, que naõ faltando aos de-  
cõros da Magestade no publico, tinha para mortifica-  
çaõ da pessoa no Palacio o deserto da Arrabida mais  
aspera, & observante. Refreou o poder dos inimigos;  
porque com os dictames do seu juizo, & com a assisten-  
cia da sua pessoa deferia aos negocios dos Princeses,  
ouvindo os Embaixadores nos pontos de maior peso,  
& nas materias de maior importancia; & finalmente  
conciliou tanto o agrado, & amor d'El Rey seu Esposo,  
como elle mostrou ao mudo todo naquella sublevaçãõ,  
em que fazendo a malicia a outra parte o tiro, queria  
descarregar na innocencia o golpe; he pois a obra sin-  
gular pela sutileza, perfeita, & celeste pela materia;  
nella naõ achei cousa que encontre a verdade, & pu-  
reza de nossa Santa Fè, ou bons costumes, achei-a sim-  
merecedora de que logo se imprima: Vossa Illustrissi-  
ma

Verbo  
Regina.

ma ordenará o que for servido. Carmo de Lisboa em  
20. de Abril de 1673.

*Fr. Antonio de Santo Elias.*

**V**ias Oraçoens Gratulatorias, que na Augusta che-  
gada da Serenissima Senhora, a Senhora Rainha  
da Gram Bretanha a este Reyno recitou o M. R. P.  
Doutor Dom Raphael Bluteau, Clerigo Regular da  
Sagrada Religiaõ da Divina Providencia, & Qualifi-  
cador do São Officio; & achei q̄ nellas se verificava cõ  
toda a propriedade aquelle Poetico dito: *Conveniunt  
rebus nomina saepe suis*; porque sendo o titulo destas O-  
raçoens de parabens pela felice vinda de tam Real, &  
desejada Magestade, a experiencia conformandose cõ  
a esperança, & concordando com os prognosticos, evi-  
dentemente mostra que para bem de todos foi a resti-  
tuição deste soberano Astro ao seu natural Hemisphe-  
rio; porque nelle satisfazendo com toda a cabalidade  
ás obrigaçoens, que se inculcaõ em seu esclarecido no-  
me, ás que lhe impoz o Real, & sempre do nos-  
so coração pelo eterno amor, sangue Paterno, & as  
que lhe insinuaõ o incomparavel exemplo, & as inac-  
cessiveis urbanidades do Regio, & fraternal sangue, de  
tal forte prende a todos com affectuosos laços pelo in-  
culpavel dos costumes, pelo zelo da Religiaõ, pela pie-  
dade do animo, pela grandeza das merces, pela efficacia  
da protecção, & pelo affavel do tratamento, que no  
heroico destes attributos he tambem merecedora da  
accõmodação desta letra: *Nec primam similẽ visa est, nec  
habere sequentem*. Achei mais lendo estas Oraçoens, que  
naõ sómente eraõ Gratulatorias, como o seu titulo ex-  
prime, mas q̄ deviã ser muito gratuladas; não só eraõ  
Oraçoens, em que se davaõ parabens, mas que eraõ O-  
raçoens, ás quaes muitos parabens se deviã dar, por-  
que são dignas de que se lhe dem os de muito ajustadas  
à doutrina de nossa Santa Fè, os de muito conformes

*Catharina,  
quasi Ca-  
thenula.  
Claud.  
leg. 168.*

com

com as regras dos bons costumes, os de muito conso-  
nantes com as direcçoens das virtudes, os de muito co-  
herentes com os documentos das Divinas Letras, & os  
de muito proporcionadas aos dictames da Rethorica,  
da erudição, & da eloquencia. E por tanto tambem  
ao Author destas Oraçoens são devidos repetidos para-  
bens por obra tam douta, tam discreta, & tambem em-  
prédida, como empregada bem. Se outro Orador disse,  
que a sy mesmo dava os parabens do seu engenho sahir  
a luz com obra de muito menos apreço que esta: *Grat-  
ulator ingenium non latuisse meum*; este insigne, & singu-  
lar Orador bem pôde não sómente dar a seu engenho  
os parabens, mas receber os parabens dos mais eleva-  
dos engenhos, por ter sahido a publico com obra tam  
relevante, que sendo excedida (sem que por isso fique  
com algum menoscabo) do objecto, a que se dirige: *Materia superabat opus*; a todas as mais de semelhante  
cathgoria leva concluidas ventagens. Finalmente são  
estas Oraçoens tam extremadas, & trazem consigo tâ-  
tos motivos para parabens, que eu de as ler a mim mes-  
mo os dou, & desejava que a leitura fora muito mais  
repetida, porque se he certo o que diz o vulgar adagio:  
*Habent repetita leporem*; sempre que as lera, pela mui-  
ta graciosidade, que nellas encontro, dera a mim mes-  
mo os parabens; & para que possa conseguir esta repe-  
tição, que creyo será de muitos anhelada, sou de pare-  
cer que se dem á imprensa estas Oraçoens, se he que pô-  
de aver imprensa, que tenha characteres, que possam  
copiar destas Oraçoens a regalia, a relevancia, & as  
gratulaçoens, com as quaes (sem affectação algúa) pô-  
dem todos, os que as comprehenderem bem, dar a seu  
Author por parabens semelhantes abonos, & aplausos  
áquelles, que a minha censura lhe dá neste vaticinio  
que lhe faz: *Semper honos, nomenque tuum, laudesque  
manebunt.* Lisboa Convento do Carmo 17. de Mayo  
de 1693.

Fr. Manoel da Graça.

Vistas

**V**istas as informaçoens, podêse imprimir as Oraçoens, de que esta petição trata, & depois de impressas, tornarão para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 19. de Mayo de 1693.

*Pimenta. Noronha. Foyos.*

## Do Ordinario.

**P**odem se imprimir, & depois tornarão para se conferirem, & se dar licença para correr, & sem ella não correrão. Lisboa 25. de Junho de 1693.

*Serrão.*

## Do Paço.

S E N H O R.

**N**ÃO necessitava de mais testemunhos, para sua abonação, o illustre talento do P. Doutor Dom Raphael Bluteau, assáz conhecido, mas nunca assáz louvado. Estas tres Oraçoens, que intitula Gratulatorias, se poderiaõ queixar de vir tam tarde, que já na estimação de todos não acharam lugar vago, pela haverem occupada toda as primeiras acçoens deste excellente fojeito, mas quando assim lhes succedesse, não terião q̄ envejar, porque ellas se bastão a sy proprias para o louvor, attributo de hũa summa perfeição: Se o bom gosto as accusar de breves, satisfaça se conhecendo, que se foi primor do engenho, o dizer tanto, quanto outro não dicera, foi respeitosa reverencia, o não dizer tudo, o que pedia a materia, porque não parecesse irreverente ousadia, & querer reduzir à esphera ainda da mais eloquente rethorica as incompreensiveis excellencias de tão soberana Magestade. Lisboa 23. de Junho de 1693.

*Miguel da Sylva Pereira.*

*Que*

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo  
Officio, Ordinario, & informação que se mandou  
tomar, & depois de impresso tornará á Mesa para se  
conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 26.  
de Junho de 1693.

Mello P. Roxas. Lamprea. Azevedo. Ribeyro.  
Sampayo.





# ORACAM I.

CELEBRA O CORO DAS VIRTUDES  
a felice vinda

DA SERENÍSSIMA RAINHA DA

GRAM BRETANHA

A SENHORA

## D. CATHARINA.



Aõ Senhores; nem sempre são fugitivos os bens, que se ausentaõ. Ausentarse para voltar, não he fugir; he ir formando hum circulo, que de todas as figuras he a mais perfeita, porque na figura circular se une o fim com o principio. Todos os Planetas nos seus Orbes, & todas as Estrellas no Firmamento continuamente se ausentaõ, & continuamente se restituem ao lugar donde nace-raõ; & unindo com circulares movimentos o fim com o principio, fazem no mundo tão boa figura, que della successivamente depende a conservação do mundo. Também nas Republicas ha movimentos circulares

na peregrinação dos Príncipes, que restituindo-se à sua Patria, acabão o seu circulo, & juntamente poem fim a todas as penas, que sempre a ausencia faz presentes para tormento da saudade. No anno de 1662. quando a Serenissima Infanta de Portugal a Senhora D. Catharina se embarcou na Armada Real de Inglaterra, parecia, que com a ausencia deste Astro se apagavão no Paço todas as luzes, & justamente se podia reccar, que com a falta de huma flor se acabassem para Portugal todas as Primaveras. Naquelle dia vio o Tejo dentro de si o fluctuante concurso dos Povos, que da praya, & dos montes contemplando os preludios desta separação, reverberavão nas agoas as suas confusas imagens, como se com o naufragio de si mesmos quizessem representar a immensidade da sua perda: ao levantar das ancoras desmayarão as esperanças; estenderão-se as velas, não sei se ao movimento dos Zephyros, ou ao impulso dos suspiros; & posto q' esta ausencia era o triumpho da grandeza deste Reyno, pois perdendo Portugal huma Princeza, dava a Inglaterra huma Rainha; não era para estranhar, que as lagrimas da saudade servissem de perolas para ornato deste triumpho. Partio finalmente a Armada, & Neptuno ainda que placido, andou tão orgulhoso, que não envejou a Athlante a gloria, com que sustenta os Ceos, porque levava huma Princeza, que com a grandeza do animo sabe dominar as Estrellas. A Deos Augustissima Rainha, a Deos; mas não para sempre; para o Norte se encaminha Vossa Magestade, mas nem por isso volta a Portugal as costas, porque diante dos olhos tem as conveniencias, & com si leva os coraçoes dos Portuguezes. Lograrà Vossa Magestade em hum throno tres Coroas, a Coroa de Inglaterra, de Escocia, & de Irlanda; mas he Vossa Magestade tão izenta, & tão superior aos pomposos donativos da fortuna, que nem

*Sapiens do-  
minabitur  
astris.*

com as douradas prisoens de tres Coroas se deixará prender fóra da sua Patria; & não sem mysterio se augmentou Vossa Magestade pela parte Occidental deste Reyno, porque deu a entender, que se despedia como o Sol, pois dahi a alguns annos voltando pela parte Oriental, havia de acabar o circulo da sua gloriosa peregrinação.

Não he verdade, Senhores, que se a Serenissima Rainha da Gram Bretanha se deixára estar no centro do seu Imperio, não déra no theatro deste mundo huma volta, ou passeio inteiro, & não chegando a unir circularmente o fim com o principio, na harmonia dos passos da sua vida não se achára a mais perfeita das figuras. Já tem succedido, que os Astros ficáraõ parados no meyo da carreira, mas depois de huma breve detença se puzeraõ a caminho, porque he taõ proprio dos Astros o movimento, que aos Poetas, que converterão Navios em Estrellas, não lhes veyo ao pensamento fingir Remoras, que aos baxeis do Ceo embargassem o curso. De mais do que já era tempo, que das trevas do escuro, & congelado Septentriaõ se separasse a luz, para dar a Portugal hum dia tão alegre, como aquella, que illustrou a infancia do Mundo; & nas Epocas, ou Eras da Lusitania este notavel successo faz o presente anno tão celebre, & tão memoravel, que conforme a doutrina dos Platonicos se pôde justamente chamar anno grande, anno maximo, & digno de ser festejado com os applausos da mais sonora eloquencia.

*Divise lucem a tenebris, Et factumq; est vespere, Et mane dies unus.*  
Gen. cap. 1.4. & 5.

Na Theologia Platonica chama se anno grande aquella, em que as celestes Espheras depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem a ficar no mesmo assento, & lugar, donde começou no principio do mundo o seu movimento; & com razão se chama grande o anno, em que as Espheras conseguirem a perfeição

Marfil.  
Ficin.  
Theolog.  
Platon.  
lib.4. cap. 1. & 2.

ção de unir com seu movimento circular o principio com o fim, porque esta inteira, & perfeita união he huma imitação da grandeza divina, que he o principio, & o fim de tudo. Desde os primeiros progressos da sua fundação teve o Reyno de Portugal annos grandes, & tão grandes, que nos Annaes da fama não cabem. Mas este anno, em que hum dos mais brilhantes Astros deste Hemispherio se restitue ao ponto, donde começou a sua carreira, unindo circularmente o fim da sua peregrinação com o principio, he sem duvida hum dos mayores annos, que até agora illustraão os fastos da Lusitania.

Para celebrar o bom successo de huma tão singular novidade, determinei fazer neste illustrissimo congresso huma oração gratulatoria, em que com suave interpolação da harmonia das vozes, & dos instrumentos, ouviremos cantar a tres Córos as glorias da felice volta, ou reversão da muito alta, & muito poderosa Rainha da Gram Bretanha. O primeiro será o Coro das Virtudes; o segundo, o Coro das Graças; o terceiro, o Coro das Musas. A letra nola offerece o Capitulo sexto dos Cantares, em que se exhorta à Princeza Abisag a tornar para a Corte: *Revertere Sulamitis, revertere, revertere, ut intueamur te.* A palavra *Sulamitis* daõ os Interpretes estes tres sentidos, *Cælestis, Pacifica, Perfecta*; & desta triplicada interpretação se segue, que o *Revertere Sulamitis* quer dizer, Tornai Princeza Celeste, Princeza Pacifica, Princeza Perfecta. O primeiro verso, *Revertere Cælestis*, toca ao Coro das Virtudes; o segundo verso, *Revertere Pacifica*, toca ao Coro das Graças; o terceiro verso, *Revertere Perfecta*, toca ao Coro das Musas. Nestes tres Córos, que formarão as tres partes desta Oração, veremos nas tres tardes deste Triduo, como na sua vinda, & reversão a Portugal mostra a Serenissima Rainha da Gram Bretanha

*Altero editio habet Odolamitis, id est, Cælestis. Procopius ex Philone Carpalbio. In Besson. in Cant. pag. 689. Aquila vertit Pacifica. Editio Veneta habet, Revertere, id est, Perfecta.*

tanha, que he Princeza Celeste, Princeza Pacifica, & Princeza Perfeita:

*Revertere Caelestis,*

*Revertere Pacifica,*

*Revertere Perfecta.*

**N**Esta Oração gratulatoria ao Coro das Virtudes pertence o primeiro lugar, porque as virtudes, como excellencias celestes, tão a mais excellente prerogativa da nossa celeste Princeza: *Revertere Caelestis*. Das virtudes da Serenissima Rainha da Gram Bretanha não pertence à Rhetorica fazer a enumeração, porque só à Astronomia toca numerar as Estrellas. Nem a esta celeste sciencia lhe seria difficuloso acertar com este numero, que parece infinito, porque para nos persuadirmos que a Augustissima Rainha D. Catharina possui todas as virtudes, basta, que a vejamos ornada de huma só virtude.

Que neciamente se cança a lisonja em mendigar virtudes, para com ellas ornar as Coroas dos Princeses! Na sua essencia são as virtudes Moraes tão unidas, que quando com perfeição se possui huma, necessariamente todas se possuem. Para a intelligencia deste paradoxo, he preciso saber, que todas as virtudes Moraes essencialmente consistem em obrar bem, & conforme os dictames da recta razão; & sem embargo de que os modos de obrar bem podem ser diversos pela variedade das circumstancias, & dos objectos, sempre a virtude em si mesma he huma, ainda que nas suas operações diversa.

Daqui nasce, que á virtude, como á prata, & ao ouro, se attribuirão muitos nomes, que ainda que diversos, não mudão a sua essencia, assim como os nomes que se daõ á prata, & ao ouro não alterão a substancia do metal. A mesma moeda, que sobre o mostrador he o pre-

ço do que se compra, na paga do soldado he soldo, & na mão do servo, salario; no tribunal de Ministros venaes, he peita, & no altar da caridade, esmola; no thesouro Real, tributo, em poder da prodigalidade, desperdicio, & idolo adorado, na arca do avarento.

Do mesmo modo tem a virtude muitos, & muito diferentes nomes. Quando escolhe os meyoys mais aptos para o intento, chama-se prudencia, & quando refre a licenciosa liberdade dos appetites, intitula-se temperança; no generoso sofrimento das adversidades, daõ-lhe o nome de fortaleza, & na proporcionada repartição dos premios, & dos castigos, o titulo de justiça.

Com esta doutrina se conforma a Philosophia dos Estoicos, que ensinaõ, que donde falta huma virtude, todas faltaõ. Se á fortaleza faltar a prudencia, a fortaleza será temeridade, & a mesma fortaleza sem temperança he desgoverno, & sem justiça, defatino. O mesmo se pôde reciprocamente affirmar das mais virtudes; tanto assim, que (como já outros advertirão) ao perfido Catilina, ainda que pacientissimo nos trabalhos do corpo, & generosissimo nos perigos da morte, lhe faltou a virtude da fortaleza, porque a fortaleza, que na apparencia teve, não foi prudente na eleição dos amigos, nem temperada com o correctivo das paxoens; nem justa, porque inclinada á destruição da Patria; & com estas faltas o que em Catilina parecia fortaleza, era vicio, & não virtude.

Supposta esta inseparavel uniaõ das virtudes, digo, que a nossa celeste Princeza as possui todas, porque com singular excellencia possui huma, em que todas se encerraõ. Para provar esta verdade, não necessito de encarecimentos oratorios, porque são superfluas as lisonjas da Rhetorica, donde são patentes as demonstraçoens da gloria. Dizer, que o Sol resplandece,

dece, não he lisonjear ao Príncipe dos Planetas; & afirmar, q a rosa exhala fragrancias, não he adular a Rainha das flores. As virtudes da Rainha da Gran Bretanha são prerogativas, que na eminencia do throno se manifestaõ, com esta singularidade, que não se podem ver todas, porque a mesma altura, em que estaõ, as faz perder de vista.

O que em parte alcançamos, he, que esta celeste Princeza com a chave da Fè sempre teve aberto para si, & para os seus o erario da graça; vemos, que com a ancora da Esperança firmou nas mayores revoluçoens do mundo as felicidades de huma coroa eterna, & sabemos, q sempre conservou o fogo da Caridade tam puro, que nunca o deixou offuscar com o fumo da gloria humana. Tambem he certo, que com o leme da prudencia navegou por mares, em que a mais discreta perspicacia perdêra a carta, & a agulha; & que com a columna da constancia sustentou a volúvel maquina da fortuna, sem ter como Atlante hum Hercules, que a ajudasse a ter mão no peso; & forçosamente se ha de confessar, que tendo esta Princeza a base da constancia por fundamento da imperturbabilidade do animo, se sublimou de maneira, que nas mudanças sublunares chegou a ser invariavel como o Ceo.

Nesta Região inferior continuamente combatem as contrarias calidades dos elementos, variaõ as estaçoens, dissolvemse os mixtos, consomemse as vidas, & com successivas apparencias sempre se vai mudando a scena deste theatro elemental. Mas não se altera, nem se perturba em si o Ceo, sempre igual, & sen preo mesmo no regulado movimento dos Orbes, & na incorrupta substancia dos Astros. Do mesmo modo na fatal revolução, em que se vio a Corte Brittanica com novos Príncipes, novos Ministros, & novas Leys, ficou o celeste animo da nossa Augustissima Rainha tão  
fere-

sereno, & tão imperturbavel, como se abaxo de si, & em espheras inferiores andára a fortuna dando voltas ao globo da sua inconstancia. Nesta soberana exaltação que patentes foraõ aos olhos do defengano as pe-ripecias do mundo!

Si, Altíssima Princeza, do mais sublime gráo de huma prudente attenção vio Vossa Magestade com quanta razão tecerão os Antigos as primeiras Coroas de folhas, pois qualquer vento contrario, & qualquer aura popular as leva como folhas de huma cabeça para outra; & juntamente entendeo, que nos annos da fortuna tambem ha Outonos, em que plantas Reaes perdem a folha; no mesmo tempo podia Vossa Magestade reparar na figura triangular, que a providencia da natureza deu ao Reino de Inglaterra, para que não faltassem angulos para o retiro das Magestades, que nas tormentas da adversidade se havião de ver postas em hum canto; finalmente conheceo Vossa Magestade a pouca razão, com que no mundo se dão aos Reynos, & aos Imperios o nome de Estados, como se ouvera estabilidade nas Monarquias, que figuradas no carro de Ezechiel, se virão no meyo de muitas rodas, symbolos da impermanencia, & da volubidade, a que estão sogeitas.

Naõ alcança o discurso as mais excellencias, que nesta contemplação com seus proprios resplandores se occultáraõ. Nas almas Heroicas a luz da sabedoria he semelhante ao Sol, que por não andar sempre à vista de todos, se cobre com o vè das nuvens, & roubando-se a este Hemispherio, todos os dias declina para os Antipodas; & ha virtudes tão modestas, que dão petiçoens á fama, para que as não divulgue, & fazem votos ás sombras, para que as sepultem. Estes divinos segredos só os pòde saber Deos, com quem a alma os communica; neste diyino sacrario quantos segredos,



& quantas reflexoens moraes, & politicas depositou huma Rainha, que só das mãos de Deos podia fiar estes thesouros!

Tornemos à primeira proposição, & vejamos como na sua reversão a este Reyno a Serenissima Rainha da Gram Bretanha exercita huma virtude, em que todas se encerrão. Que na virtude da justiça se comprehendem todas as virtudes, he doutrina de muitos Authores, assim sagrados, como prophanos; & a razão desta universal perfeição da justiça he, que não ha virtude, que não tenha por objecto, & por causa final, ou Deos, ou o homem, & como a justiça para com Deos, & para com o homem sempre obra o que he justo, todas as especies das virtudes se reduzem ao nome generico de justiça.

Com esta consideração aquelles antigos Povos do Oriente a que chamavaõ Pedalios, nos seus sacrificios não pediaõ ao Numen, q̄ adoravaõ, outra graça, q̄ justiça, persuadidos de que na justiça estão comprehendidas todas as virtudes d'alma, & todas as felicidades da vida. E na realidade assim he, porque na alma do homem, a razão he huma justa distincção do bem, & do mal, da verdade, & da mentira; & nos corpos a faulde he hum justo temperamento das quatro primeiras calidades; a concordia das familias he huma justa sopegeição dos inferiores ao seu superior; a paz dos Reynos he huma justa moderação das pertençaens dos Princeses; a Providencia de Deos he huma justa conservação das criaturas, a que deu o ser; & com a santidade anda tão unida a justiça, que na phrase da Sagra da Escritura, os Santos se chamão justos. Suppostos estes principios para provar, que a nossa celeste Princeza possui com huma só virtude todas as virtudes, bastára, que eu mostrasse a perfeição da justiça, com que regulou todas as acçoens de sua vida; mas porque o

*Ex Indis, qui Pedalij vocantur, nihil ferè in sacrificijs aliud expecebant, quàm justitiam, arbitrari omnium planè cõpoter se futurus, si modo unã fuerint assecuti.*  
*Bungus de Numeris. pag. 35. Iusti autè in perpetuũ vivet. Sap. 5. 16.*

tempo he breve, & a materia muito ampla, só fallarei na just'ça (deixaimo dizer assim) reſtitutiva, porque nella confiſte a gloria, & a Coroa do amor da noſſa Princeza à ſua Patria.

A reſtituição, (como todos ſabem) he hum acto de juſtiça, & não podia a Rainha da Gram Bretanha fazer eſte acto com mayor perfeição, q̄ com a reſtituição de ſi meſma. Eſte tão perfeito modo de reſtituir (ſe bem advertirmos) he huma propriedade ceſte, porque em todas as partes do mundo os Aſtros ſe reſtituem a ſi meſmos; & eſta he a ventajem, que nas ſuas reſtituições o Ceo leva à terra. Aos campos não pôde a Primavera reſtituir as meſmas flores, porque o Eſtio ſecou as flores da Primavera; nem pôde o Outono reſtituir às arvores os meſmos frutos, porque o Inverno levou os frutos do Outono. Pelo contrario ſempre ao Oriente reſtitue o Ceo os meſmos Aſtros; & cõ eſte exemplo o Aſtro da Luſitania, que parecia deſtinado para alumiar até ao fim da vida os Orizontes de Inglaterra, não havendo no mundo, com que ſe po-deſſe ſuprir a falta da ſua auſencia, ſe reſtituiu a ſi meſmo.

Que admiraveis ſão as reſtituições, que todos os dias faz o Ceo a eſte mundo ſublunar! Ariebaraõ, & com ſigo levão as Eſpheras ceſtes todos os Aſtros, & para a confuſão dos que não reſtituem o que levão, tudo o que o Ceo leva, luz, porque reſtitue o Ceo tudo o que leva; & he a reſtituição tão primorosa, & tão inteira, que lhe não faltaõ às mais pequenas Eſtrellas, pontos da claridade, & atomos da luz.

Celebra Salamaõ o primor, com que os rios ſe reſtituem ao mar; & não ha duvida, que he para admirar o artificio, & o trabalho, com que eſtes fluctuantes peregrinos ſolicitaõ a ſua reſtituição, huns com paſſos obliquos, deſviandoſe do obſtaculo dos mon-

*Ad locum  
unde ex-  
eunt flumi-  
na rever-  
tuntur.  
Eccleſiaſt.  
g. num. 7.*

tes,

tes, outros com dilatadas correntes, inundando a fadilidade dos valles; huns cortando os prados, com divorcio das flores, outros minando as penhas, sem medo dos precipicios; aquelles por caminhos sotterraneos, como envergonhados da sua tardança, outros em campo aberto, como jaçtanciosos da sua diligencia; os mais pequenos, fazendo-se com margens mais apertadas mais caudalosos, os mayores, esprayando nas ribeiras superfluas abundancias, & finalmente taõ iguaes na fatisfação das suas dividas, que todos em prata corrente fazem ao mar liquidissimas restituçoens. Mas nem com estes primores chegaõ os rios a fazer ao mar huma inteira restitução; porque das agoas, que levãraõ, quantas ficãraõ exhaladas em vapores, destilladas em orvalhos, embebidas nas areas, & encharcadas nos pantanos? quantas se gastãraõ nos jardins para as galas de Flora? quantas para as novidades de Ceres se largãraõ aos campos?

Só no Ceo se acha o exemplo de huma perfeita restitução, porq̃ sem alteração, nem diminuição alguma sempre restitue o Ceo a mesma substancia. & as mesmas influencias dos Astros, & não só restitue tudo em gèral, mas a todos em particular restitue o que lhes faltava, porque tornando o Ceo a trazer sobre o nosso Hemispherio as Estrellas, restitue à noite a sua coroa, à Astro-nomia o seu livro, à Agricultura os seus directores, à navegação as suas guias, à virtude o seu espelho, à curiosidade illustres enigmas, à admiração altissimos prodigios, & á natureza os diamantes, os pyropos, os carbunculos, & todas as joyas de seu thesouro. Póde haver justiça mais perfeita, que esta da restitução que continuamente faz o Ceo de tudo o que leva? É quem melhor que huma Princeza celeste póde imitar esta celeste justiça? Na reversão da Serenissima Rainha da Gram Bretanha se restituem a este Reyno todas as cóstella-

stellaçõens celestes, & em primeiro lugar as que cha-  
 maõ Boreacs, a saber, o Cysne, no candor do animo  
 desta affabilissima Princeza; a Lyra, na harmonia da sua  
 vida; o Auriga, no dominio das paxoens; a Aguia, na  
 contemplaçõ dos bens celestes; a Setta sem arco, no  
 frustrado poder das armas de Cupido; Perseo, na ex-  
 tinçã da enveja, cruel Medusa das Cortes; Esculapio,  
 nos antidotos contra o veneno das delicias; & Hercu-  
 les, no animo varonil, & victorioso dos trabalhos. As  
 Ursas do Polo Arctico se figuraõ nas virtudes com que  
 esta Princeza illustrou o Norte; resplandece Cassio-  
 pea na fermosura da alma; Andromeda, na sublimi-  
 dade da sabedoria; Pegaso, na protecçã das Musas,  
 & no patrocínio das sciencias; o Triangulo, em hum  
 coração mayor que a Esphera do mundo; Ariadna,  
 no fio da prudencia, com que se desembaraçou dos  
 mais intricados labyrinthos; & o Delphim, no socego  
 do animo nas mayores tormentas, porque a esta incom-  
 paravel Princeza se pòde appropriar a empreza, signi-  
 ficativa da tranquillidade do Delphim nas tempesta-  
 des, com a letra, que em lingoã Italiana lhe poz hum  
 discreto, *Per me di nemi il Ciel s'oscura in darno*, ou  
 outra mais propria ao nosso intento, *Sereno a se fà dell'  
 altrui tempesta.*

Tambem na pessoa desta justissima Princeza se  
 restituem a esta Corte as constellaçoens Austraes; o  
 Altar, ou ( como dizem os Astronomos ) as Aras, na  
 sua piedade; o Manucodiata, ou Ave do Paraizo, nos  
 voos, com que se remonta ao Ceo; a Pheniz, na singu-  
 laridade da vida, renovada com actos de penitencia;  
 a Canicula, nas chamas do amor divino; a Náo dos  
 Argonautas, na conquista do vello de ouro da Graça;  
 & a Coroa Austral, nos merecimentos para a Coroa  
 da Bemaventurança. As mais constellaçoens, com que  
 se symbolizaõ viciosos affectos, como o Payaõ da so-  
 berba,

berba, o Camaleão da inconstancia, o Corvo da voracidade, a Hydra dos peccados, & os Monstros do Zodiaco, todos se me representaõ debaxo das Reaes plâ-tas da nossa celeste Princeza presos, & confusos, assim como antigamente se viaõ na entrada dos Emperadores Romanos os Reys vencidos, atados ao carro dos seus triumphos.

Vejo, que estais dizendo, que nesta tam justa, & taõ copiosa restituicaõ, faltaõ com os Planetas as duas grandes Luminarias a Lua, & o Sol; naõ reparais Senhores, que com a presença da celeste Princeza se duplicaõ estas Luminarias, pois já tem a Corte Sol, & Lua na pessoa de Suas Magestades? Em primeiro lugar com frustrada ambiçaõ poderia a Lua competir com os resplandores da Rainha nossa Senhora, em que naõ com o favor da noite, mas no claro dia resplandece huma tam grande pompa de luzes nas ascenden-cias, & descendencias da Casa Palatina, Bavarica, Bi-pontina, Saxonica, Hassiaca, & Austriaca, que em diversos grãos de afinidade, & consanguinidade se põ-dem hoje contar quinze Emperadores, có tantos Scep-tros, & Coroas, que nam cabem nos thronos da Eu-ropa.

Em quanto pois ao Sol, que outra cousa foi a jornada da Rainha da Gram Bretanha, que a volta de hum celeste Heliotropio para o Sol da Monarquia Lu-sitana? No errado systema de Copernico fica o Sol im-movel, & naõ só a terra, mas també o Ceo he o Helio-tropio que ao Principe dos Planetas se volta com per-petuo gyro. Mas nam erràra, quem dissera, que nesta jornada se voltàra como Heliotropio o Ceo da virtude ao Sol da Lusitania.

Si, Senhores, na sua reversaõ a nossa celeste Prin-ceza he o Heliotropio de hum Sol, que às quatro par-tes do mundo estende como rayos da sua luz as atten-

çoens do seu governo na conservação das suas Con-  
 quistas; de hum Sol, que sempre está no Equador da  
 justiça, ponderando os quilates dos merecimentos;  
 sempre no Zenith da gloria, coroando com premios a  
 virtude; sempre no Solsticio da prudencia, sem exce-  
 der os limites da razão; & sempre no Polo da constan-  
 cia, sem ceder às razoens da enganosa politica. Si de  
 hum Sol, que nunca teve a intelligencia errante, nem  
 a vigilancia suspensa, nem a intenção obliqua, nem a  
 fortuna retrograda, porque do ultimo gráo da sua Real  
 descendencia sobio ao apogeo do throno, em que ac-  
 tualmente reyna; torno a dizer de hum Sol, que logra  
 elevaçoens sem declinaçam, excellencias sem macu-  
 las, & glorias sem eclipse, porque não admitte inter-  
 posição de Planetas inferiores senão para mayor lu-  
 zimento de huma justa beneficencia; de hum Sol que  
 tem desfeito como nevoas occultas conspiraçoens, que  
 dissipa como vapores ambiciosas chimeras, & que che-  
 ga a descobrir atomos invisiveis nos escrupulos da cõf-  
 ciencia. Si de hum Sol, que atè agora não admitio ou-  
 tra coroa, que a dos seus resplandores, porque só o Sol  
 pôde ser a coroa de si mesmo; de hum Sol tão remon-  
 tado no ponto vertical das suas determinaçoens, que  
 todos os Astrolabios da mais subida sagacidade Pala-  
 ciana lhe não sabem tomar a altura. Vamos continuan-  
 do com a metaphora. De hum Sol, que renovando o  
 tempo de Josue, para as victorias da innocencia, & da  
 verdade, pelo espaço de muitas horas está parado, fa-  
 zendose a si mesmo os dias mais compridos com a mo-  
 lestia de frequentes, & dilatadas audiencias; de hum  
 Sol, a que tambem, como ao Sol material, sempre faz  
 companhia o Planeta Mercurio na elegancia das re-  
 postas, & na eloquencia dos discursos. Si de hum Sol,  
 que hoje no Signo de Geminis, com a vida de dous  
 Princepes promete ao seu Reyno duplicadas fortunas;  
 de

de hum Sol, que na segunda casa do Zodiaco toma illustres divertimentos, quando se recrea em vingar cõ a morte de huma fera as injurias da Europa. Finalmente do Sol da Lusitana esphera, a que nem os seus predecessores, nem os contemporaneos lhe podem fazer sombra, & que no templo da fama verà a sombra do seu nome respeitada com todas as veneraçoes da posteridade.

De hum tam grande, & tam resplandecente Sol só podia ser digno Heliotropio hum Ceo de virtudes, na primorosa reversão de huma celeste Princeza, que finalmente chegou a esta Corte com circumstancias tão admiraveis, que a discriçãõ as podera chamar milagrosas, porque contra a ordem da natureza na pessoa d'ElRey nosso Senhor sahio o Sol ao encontro da Aurora, & com novo prodigio teve a Aurora em huma carroça de ouro a precedencia. Em hum mesmo tempo se vio a Rainha nossa Senhora no plenilunio da magnificencia, & no crescente da Magestade; & todas as Estrellas da Via Lactea, representadas na infancia de dous Princeses, fizeraõ mais candida a cortezania da recepçãõ. Mais milagres houve. Em seu perfeito juizo andou Lisboa fóra de si, em grandes campos espalhada, & logo tornada em si Lisboa, naõ coube dentro de si de gosto. Aos Navios pegouse o fogo sem dano, porque o incendio nacia do amor, com tam animada actividade, que ficaraõ os baxeis sem obras mortas, porque tudo nelles era huma chama viva. Em toda a parte se ouviraõ trovoens sem medo, porque todos os tiros eram parabens, & applausos, tam dignos de lembrança, que para os encomendar na memoria, os eccos os repetiram.

Ainda houve mais milagres. Com a vinda da suspirada Princeza resuscitaram os que jaziaõ na sepultura da saudade, com as luminarias de tres noites se deu vista.

vista a tres cegas ; sem terremoto se abalou todo o Reyno, & no discurso deste Orador indigno, & delahabituado de fallar em publico, cobrou hum mudo a falla.

Deixemos ao Coro das virtudes o app'auzo destes milagres, gloriosos effeitos da virtude do Astro celeste, que no lugar do seu nascimento renace , porque hoje a sua Patria torna a ser o seu Oriente. *Revertere, revertere Salamitis. Revertere, revertere Cælestis.*





# ORACAM II.

CELEBRA O CORO DAS GRAÇAS a felice vinda da Serenissima Rainha da Gram Bretanha.



O Coro das Virtudes, que hontem celebrou o feliz regresso da Serenissima Rainha da Gram Bretanha, se segue o Coro das Graças, que ainda que filhas da fabula, serão hoje mãys da verdade. Pintarão os Poetas as tres Graças, unidas,

& com as mãos enlaçadas, por ventura, para que entendessemos, que a uniaõ, & a paz são as que dão graça a todos os bens do mundo. No mundo natural toda a graça consiste na multidaõ, & na ordem; sem multidaõ de creaturas seria o mundo hum deserto, & sem ordem desta multidaõ seria o mundo hum caos. Que graça teria o mundo, se o mundo todo fora terra, ou todo agoa, ou todo ar? & se as calidades, & as criaturas não tiverão em cada elemento a sua proporção, & a sua ordem, que graça teria esta multidaõ? Até na essencia divina, que he o mundo archetypo, & a idea original de todos os mundos possiveis, ha pluralidade de pessoas, & nesta pluralidade huma tam grande uniaõ, que todas tres são huma só, & indivisivel substancia.

Tambem no mundo moral, & politico toda a graça está na pluralidade, & na uniaõ. Em quanto à pluralidade

ralidade dos Príncipes, & Potentados, he huma graça que nunca pôde faltar, porque sempre sobeja quem se ache capaz para o governo; mas a graça seria, que todos os que tem authoridade para mandar, estivessem logrando a bella paz; si, a bella paz, deliciosa harmonia das Republicas, & suave consonancia das vontades; agradavel Solsticio de Marte, & felice retrogradação de Bellona; Bella Aurora, que annuncia profluvios de luzes; fermoso Iris, que veda diluvios de sangue; Azylo das Artes, & Templo das Sciencias, & finalmente toda a graça do Universo, porque fóra da paz, ficão as terras incultas, & perdem toda a graça os campos; está o mar infestado de Pyratas, & não tem graça a navegação, ainda que segura das tormentas; offuscasse o ar com as negras exhalações dos instrumentos bellicos, & o fogo, que só houvera de servir para os commodos da vida humana, he o mais cruel executor das tyrannias da morte.

Que graça achão os homens militares em tantas maquinas de guerra, em que a arte se apura para destruir a natureza? Peças de campanha, & peças de batter, peças singelas, & reforçadas, legitimas, & bastardas, todas monstros fundidos, que com bocas de fogo tudo fundem, & com ouvidos de bronze tudo confundem; colubrinas, serpentes do ar; bombardas, trovoés da terra, & basiliscos, que não com a propria vista, mas com olhos alheyos, que lhe poem a mira, matão; pedreiros encampanados, que tendo a alma a modo de campana, fazem mais sonóras as ruinas; falconetes, & falcoens, que na alcandora da carreta rompem o caparáo da buxa, & levando balas por cascaveis, causão mais dano que todas as aves de rapina.

Que direi das bombas modernas, crueis encarecimentos das antigas, officinas de rayos artificiosos, funestas espheras de Vulcano, rapidos Mongibellos, &

Infernos

Infernos volantes? De hum trabuco de extraordinaria grossura rompe hum globo cheyo de materias mortíferas, constipadas, com ignea audacia corta os ares, & sobe ao Ceo, como se para acertar, consultára as Estrelas, com linha perpendicular se constitue sobre o lugar destinado à violencia dos seus defatinos, cahe precipitadamente, & como indignado do seu abatimento, rebenta com horrivel estampido, & com tam impetuosa vehemencia, que em breves instantes abala, derruba, sepulta, & quasi annihila os mais firmes edificios.

Isto sam graças? Estes são os mimos, que a guerra faz aos seus sequazes? Não fallo nas invasões dos inimigos, nos sacos das Cidades, na affolação das Provincias, na extinção das familias, na prophanção dos Templos, nos sacrilegios, & em todas as mais calamidades, que comfigo traz a guerra. Diga-o a Europa, em que hoje o Borysthenes, & o Danubio, o Mosa, & o Rheno, o Pô, o Senna, & o Tamesis são rios, que poderaõ engrossar com as lagrimas dos vivos, & tingirse com o sangue dos que nos affedios, nos encontros, nas batalhas, & nos incendios perderaõ a vida.

Se actualmente existissem no mundo astres Graças, que a Fabula fingio, & se quizessem escolher hum domicilio proporcionado à uniaõ, & concordia, com que se representaõ, donde havião de achar na Europa este pacifico retiro? Na Tartaria, que desterrou a hospitalidade, com tam violenta agitação, que só com correrias se sustenta? No Imperio Ottomano, que depovoando os Estados para formar exercitos, está tam exausto, que nos seus Estandartes houvera de trocar com o concavo da Lua o crescente? Na Germania, em que por todas as partes está lançando rayos a Aguia do Imperio? Em Hollanda, que largou os diques das milicias, que a inundaõ? Em Italia, em que atè no Piemonte, & nas faldas dos Alpes, donde a tranquillida-

de'havia de reynar, são mais feras as tempestades? Em  
 Castella, donde são continuos do Leão das Hespanhas  
 os bramidos? Em Inglaterra, donde nas rosas do escu-  
 do das suas armas, até as flores se vem armadas? Em  
 França, onde na pessoa de Luis quatorze, está Marte  
 nos seus treze? Sendo pois a Augustissima Rainha D.  
 Catharina o verdadeiro retrato, & o vivo epilogo das  
 Graças, que fabuláraõ os Poetas, donde achará na Eu-  
 ropa hum rétro conforme à suavidade, & beneficên-  
 cia do seu genio pacifico? Donde? Em Portugal, que  
 no meyo dos estrondos da guerra, he hoje o alylo, &  
 o refugio da paz, cruelmente desterrada da mayor par-  
 te dos Reynos deste Hemispherio. Si, em Portugal,  
 que hoje entre todas as Monarquias da Europa, logra  
 os admiraveis privilegios do monte Olympo, que sob-  
 brepujando as nuvens, & ficando superior à violencia  
 dos rayos, & à inclemencia dos elementos, se confer-  
 va com tam inalteravel tranquillidade, que chegou o  
 Principe dos Poetas a dar ao Ceo o nome de Olym-  
 po: *Ipsè Deùm claro tibi me demittit Olympo Regnator* ;  
 & em outro lugar: *Panditur intereà domus omnipotentis*  
*Olympi*. Si Serenissima Rainha, razão he, que a este  
 Olympo, & a este Ceo se restitua Vossa Magestade, &  
 que o Coro das Graças com armonicos applausos ce-  
 lebre a reverfaõ de huma Princeza, que nas pausas da  
 paz veyo afinar as consonancias da vida: *Revertere, re-*  
*vertere Sulamitis. Revertere, revertere Pacifica.*

**A** Huma Princeza, que todas as Graças dotáram  
 de suas prendas, não convinha estar no meyo dos  
 embarços da guerra, porque na guerra melhor lugar  
 se fazem as Fúrias, do que as Graças. Sei, que antiga-  
 mente pintáraõ os Lacedemonios as suas fabulosas  
 Deofas armadas, como se no animo feminil a virtude  
 militar fora excellencia divina; mas (como prudente-  
 mente

mente advertio Plutarco ) nos seus Deoses celebravaõ Plutarck  
in Lacom  
os Gentios as artes, a que lhes convinha, que os Povos se inclinasse; & como na Lacedemonia a ambição de conquistar Estados era o vicio dominante, para os Povos se applicarem ao exercicio da guerra, representavaõhe seus Princeses bellicosas Deidades. Pelo contrario nos Templos das mais partes da Grecia, donde os Princeses estavaõ entregues a huma ociosa tranquillidade, todos os simulacros de seus falsos Deoses se vião sem armas, Hercules sem clava, Marte sem espada, Neptuno sem tridente, & Jupiter sem rayos; & na diversidade destas pinturas, & estatuas se conhece o artificio, com que a Politica da Gentilidade a todos igualmente enganava, porque a uns para os incitar à guerra, lhes dava a entender, que a mesma Venus, mãy do amor, inspirava furor nas batalhas; & a outros para os entorpecer no ocio da paz, procurava de lhes persuadir, que o silencio, & o descanso erão os validos do Gram Tonante.

Nos, que com a luz da Fè conhecemos as verdades, sabemos, que hum só Deos, que ha no mundo, permite a guerra, & concede a paz; permite a guerra, como castigo da sua justiça, & concede a paz, como beneficio da sua clemencia. Por esta razão os estragos da guerra, & os triumphos da paz sempre se hão de considerar como execuções da divina vontade. De todos os Elementos se valeo Deos para theatros da guerra, & da paz. Com a agoa fez Deos guerra aos homens, no diluvio; com o fogo, no incendio de Pentapolis; com o ar, nos contagios; & com a terra nos terremotos, & subversoens das Cidades. Tambem nos mesmos Elementos fez Deos triumphar a paz; no ar, com o Arco celeste, que com as pontas viradas para a terra, em certo modo impossibilita os tiros das settas do Ceo; na agoa, com o imperio da voz, que poz si-

lencio

lencio aos ventos, perturbadores do mar, & precu-  
 sores dos naufragios; no fogo, com chamas em figura  
 de linguas, novos, & flammantes jeroglyphicos do a-  
 mor divino; & na terra com os parabens, que os An-  
 jos lhe derão de huma tão gloriosa paz, que para a as-  
 segurar ficou em refens hum Deos.

*Et in ter-  
 ra pax, &c*

Destes exemplos se segue, que não he tão incom-  
 pativel a contrariedade da paz, & da guerra, que hu-  
 ma, & outra não possa ter o mesmo objecto, & o mes-  
 mo fim na gloria de Deos. Nas Republicas a guerra,  
 & a paz são oppostas, como na superficie da terra os  
 Antipodas. Toda a opposição dos Antipodas está nos  
 pés, porque nos dous Hemispherios todos tem a ca-  
 beça para o Ceo, & todos pòdem olhar para o Sol. Do  
 mesmo modo a guerra, & a paz, sem embargo da sua  
 opposição pòdem ter o mesmo fim divino; & para este  
 effeito he preciso, que os Princepes saibaõ compor  
 estes contrarios affim para a exaltação da gloria de  
 Deos, como para a conservação dos seus proprios  
 Estados.

Se no exercicio da guerra estivera toda a gloria de  
 hum Principe, no campo do Ceo houvera Marte de  
 ser o mais alto dos Planetas, mas sobre si tem Marte a  
 Jupiter, & a Saturno, (symbolos da prudencia,) por-  
 que sempre deve a prudencia presidir na guerra, para  
 se evitarem os danos das guerras intempestivas, con-  
 tinuas, & injustas.

A guerra intempestiva he hum fruto acerbo, que  
 não tem outro sabor, que a aspereza do arrependimẽ-  
 to. Quando os Romanos eraõ taõ poucos, que facil-  
 mente podião ser opprimidos, não houve quem cui-  
 dasse em fazer guerra aos Romanos; creceo o seu po-  
 der, & passado o tempo, em que qualquer nação par-  
 ticular podia facudir o jugo, todas geralmente foraõ  
 vencidas, & avassalladas ao Imperio Romano.

A guerra

A guerra continua he huma febre habitual, que consome a substancia das Republicas. Assim o experimentou Lycurgo, que não deixando exercitar aos seus subditos outra arte, que a militar, com a continuação das guerras debilitou o seu Estado de forte, que faltandolhe as forças para resistir às invasoens dos inimigos, o perdeo.

A guerra injusta he huma Furia infernal, que em primeiro lugar offende o Ceo, porque offende a razão, a innocencia, & a Deos. Por isso toma o Ceo as armas contra os Authores destas injustiças. Que victorias pôde a terra esperar, quando tem ao Ceo por inimigo? Na injusta guerra, que Sifara fez aos Israelitas, pelejáraõ contra Sifara as Estrellas, ou com malignas influencias, que no arrayal matavaõ os Soldados, (como he opiniaõ de alguns) ou (como outros se persuadem) com rayos despedidos do Ceo, que cahiaõ no campo, & reduziaõ os batalhoens a cinzas.

*Stella manentes in ordine, & cursu suo adversus Sifaram pugnaverunt.*

Jotue 5.  
Vid. Cornel. Alapid. ibi.

Mas ainda que a guerra não fora intempestiva, nem continua, nem injusta; mas antes taõ opportuna, taõ breve, & taõ justa, que o não fazella fosse delito, que graça pôde ter a guerra, em que de ordinario, aos vencedores, & aos vencidos saõ commuas as desgraças? A guerra, que he hum dos tres açoutes do Ceo, com que razão lhe deraõ os homens o especioso titulo de Arte?

Com que Arte se pôde comparar a Arte, a que chamais militar? He Arte da Musica a guerra, em que a discordia faz o compasso, a temeridade o contralto, & a morte o contrabaxo? He Arte da Grammatica a guerra, em que não se ganha nome sem verbos passivos, nem se constroem fortunas sem participios de adversidades, com que ás vezes os mais florentes Reynos declinaõ? He Arte da Rhetorica a guerra, com festivos exordios, & funestas peroraçoens, & chegado o valor

o valor aos ultimos periodos da vida, lhe acode a fama com hum encomio Laconico na narraçao de huma gazeta? Que Arte será esta da guerra? Arte da caça, em que Marte fica prezo na rede de Vulcano, porque ao valor mais facil he escapar do ferro, que do fogo? ou he caça de alta volateria, pois com sotterraneas violencias sobe a industria a voar Fortalezas, & Castellos; ou porque de ordinario os Soldados saõ aves de rapina, o que parece quizeraõ significar os Egypcios, quando tomáraõ ao Açor por jeroglyphico de Marte? Mas entre as Artes liberaes, que lugar pòde ter a Arte militar, que para deixar a liberalidade com as maõs vazias, com tyranna alquimia converte todo o ouro em ferro?

Coel.  
Calcag.  
nin. Lib.  
a. Epist. 1

Não vos parece indigna do nome de Arte huma Arte, que com trabalhosas occupaçoens, & com perigosos artificios cança todas as Artes, & todas as Sciencias? Cança a Arte militar a Planimetria, a Stereometria, a Trigonometria, & geralmente toda a Mathematica com tantos, & tão varios preceitos, que apenas com hum profundo estudo se pòde alcançar o superficial conhecimento das linhas; linhas Ichnographicas, & linhas capitaes, linhas fixantes, & razantes, linhas parallelas, & perpendiculares, linhas diagonaes, & transverfaes, linhas flexuosas, curvas, & rectilineas, todas linhas fataes, que da circumferencia da hostilidade vão dar no centro da vida, para destruir em hum ponto, com a morte do homem, a melhor fabrica da natureza. Cança a Arte militar a Architectura com mil fórmas de construcçoens offensivas, & defensivas, baluartes pentagonos, hexagonos, heptagonos, casamatas, & falsas bragas, gollas, & demigollas, tenalhas, & orelhoens, revelins, & redutos, barbacans, & hornaveques, & outros generos de obras modernas, em que não se admira tanto a ordem, como se estranha as desordens, & ruinas, que com ellas causão os seus



inventores, como se o tempo fora principiante, & a morte aprendiz em destruir Palacios, Cidades, Reynos, & Imperios. Finalmente cança a Arte militar a Philosophia em buscar materiaes, & em excogitar cõposições executoras de irremediaveis violencias; a Jurisprudencia em discutir os interesses dos Princepes, & em determinar os limites dos seus Estados; & a Theologia em ajustar os motivos da guerra, com os dictames da consciencia, para que as victorias não venhão a ser escandalos da razão, & triumphos da injustiça.

Foi larga a digressão, mas tornando a tomar o fio do discurso, torno a mostrar a opposição, & a antipathia, que as Graças tem com os desconcertos, & desordens da guerra. Andaõ as Graças unidas, mas não confusas, & não ha, nem pòde haver guerra sem confusão. Sei, que hum dos primeiros preceitos da Arte militar he a ordem na marcha, & no conflicto; mas donde vai esta ordem a parar, senão em barbaras, & lastimosas confusões? Quanta confusão no exercito, que perdeo a batalha? & quanta confusão na Republica, quando chega a nova da derrota? Hum Reyno com guerra he hum caos, semelhante ao antigo caos dos Poetas, em que tudo era guerra, porque tudo era confusão.

Discretamente descreve Ovidio o fabuloso caos debaxo da metaphora de huma guerra:

— — — — — *Nulli sua forma manebat,*  
*Obstabat que alijs aliud, quia corpore in uno*  
*Frigida pugnabant calidis, humentia siccis,*  
*Mollia cum duris, sine pondere habentia pondus.*

Metaphora  
 lib. II.

Si, na imaginação da fabulosa Antiguidade o caos era huma vasta, & quasi incomprehensivel confusão; & que outra cousa era esta confusão mais que huma guerra civil de toda a natureza, & huma batalha campal, em que todas as criaturas pelejavaõ sem ordem, porque nem os Astros estavão nas suas fileiras, nem nos seus

seus postos os Elementos. Naquelle praça informe ; para o fogo não havia minas , nem respiradouros para o ar , nem fossos para a agoa , nem terraplenos para a terra ; & com tudo com imperceptiveis conflictos o fogo consumia a agoa , & a agoa apagava o fogo , a terra abafava o ar , & em ar se exhalava a terra ; não fazia o Sol avançadas para o Oriente , nem para o Occaso retiradas , porque ainda estava o Sol nas trincheiras das trevas ; no assedio daquella densa noite não havia meyas Luas para a defenfa , nem obras exteriores para impedir os aproxex ; por estradas encubertas se davão os assaltos , & no embaraço das Estrellas andavão as milicias do Ceo tão confusas , que com a vanguarda se equiyocava a retaguarda ; igualavãose as escarpas dos valles com as coroas dos montes , porque tão baxos estavão os montes como os valles , estes sem profundidade , aquelles sem eminencia , & no meyo de tanta igualdade , nem planicie havia , nem explanada . Na mesma materia se ajuntavão sem reparo todas as calidades cótrarias , & todas ficavão expostas humas às outras sem estacada , nem parapeito . Em conclusão tudo era huma face exterior sem fórma ; estava a circumferencia incorporada com o centro , as linhas de communição sumidas em pontos , & o solido dos corpos embebido na superficie . Desta confusão pois , & desta guerra se originava huma grande esterilidade , porque não brotava huma flor , nem corria huma fonte , ficavão os mares sem peixes , & os peixes sem mar ; as arvores sem frutos , porque sem ramos , & os ramos sem folhas , porque sem raiz ; & a mortandade era tão universal , que a natureza toda era hum cadaver , & o Universo hum sepulcro , em que com accelerados insultos ao nascimento se anticipára a morte .

De muito mayores confusoens , que estas , sempre foi causa a guerra , porque no caos não se perdião , só se

Coroas  
são obras  
exterio-  
res da for-  
tificação,  
que costumão fazer  
em emi-  
nencias.

se confundião as vidas; mas na guerra, que com sangue se alimenta, & com estragos triumphá, não só os homens na flor da idade, & no vigor dos annos, são victimas da morte; mas com lastimoso horror ficaõ as Cidades desertas, assoladas as Provincias, destruidos os Reynos, & quasi annihilados os Imperios. Agrada a quem quizer o caos da guerra; fóra dos bellicos tumultos busca a Serenissima Rainha D. Catharina hum tranquillo retiro, não porque o genio desta prudentissima Rainha seja tão escrupulosamente pacifico, que desaprove, & condene a guerra, porque bem sabe, que a guerra justa não offende a Deos, pois elle mesmo se chama Deos dos exercitos, & o mesmo Deos mandou a Moyses, que declarasse guerra aos seus inimigos. Dê mais do que he certo, que das armas esperão as leys a sua observancia, a justiça a sua protecção, & a Religião o seu amparo. Mas como a guerra justa he o meyo para se conseguir a paz, & como nas acções humanas o fim para o qual se dirigem he mais nobre, que o meyo, que se toma para as executar, sempre leva a paz a preferencia à guerra, & por consequencia sempre se ha de preferir o abrigo de hum Reyno pacifico às turbulencias de hum Estado revoltó.

Que neciamente se allucinão aquelles espiritos bellicosos, que considerão a paz como letargo das Monarquias! & que ambiciosos da gloria militar se enfastião da tranquillidade da sua Patria! como se ao nome Portuguez fora indecorosa a continuacão de huma paz, que he o suave, & glorioso fruto de tantas, & tão insignes victorias. Nas bonanças não perde o mar a opiniaõ do seu indomavel orgulho, porque o seu silencio he condecendencia com as leys da natureza; & sempre quando se enfurece tem razão, porque o seu furor he obsequio, & summissão à soberana vontade do seu Author.

Esta certamente he huma das razoes , porque forão tão celebres, & tão formidaveis no mundo as armas dos Portuguezes; pelas suas victorias se contaõ as suas guerras, porque sempre movêrão guerra com tanta justiça, que fóra da Europa não combatêrão senão para a dilatação da Fè, & nesta Europa Occidental sempre a defença da sua liberdade foi o desempenho do seu valor. Escreve Elio Spartano, que de todos os Emperadores Romanos só Trajano nunca perdêra batalha, porque nunca sahira a campo sem justa causa: & justo era, que das suas batalhas sahifsem victoriosos os Portuguezes, pois sempre entrãrão nellas, ou debaxo do estandarte da Fè, ou com o escudo do amor da Patria.

A estas razoes se acrescenta, que o quebrar a paz, não he prova de mayor esforço. A cithara bem temperada qualquer menino a pôde desafinar, & a mais suave harmonia da paz qualquer potencia dissonante a desconcerta. De mais ( como advertio Sallustio ) a guerra he hum mal, que não se atalha com a facilidade, com que se pega, porque muitas vezes não está na mão de quem moveo a guerra, o acaballa. São as guerras, como os incendios; a quelle, que pegou o fogo, pôde faltar tempo para o apagar; crece o incendio, & tal vez com tão improvisa vehemencia se estende, que abraza, & consome o incendiario. Finalmente he a guerra o labyrintho da discordia, em que não ha fio para a sahida, porque tudo corta o fio da espada; & já que vai de espada, he experiencia certa, que não se embainha a espada com a mesma facilidade, com que se tira.

Nem por isso convem, que os Princeses se entreguem tanto ao ocio da paz, que se descuidem do exercicio das armas. Aos Anjos, que no nascimento do Senhor offerecêrão pazes aos homens, chama o Evangelho Milicia Celeste, como se nem para o Ceo fora segura

gura a paz, sem se guardar o nome, & sem perseverar a ordem da milicia. A paz desarmada he o iman, que attrahe para si o ferro do inimigo. Assaz o experimentou Constantino Magno, que despedidas as milicias, se vio improvissamente cercado dos exercitos de Licinio. Quantas vezes se arrependeo o Emperador Probo da nimia confiança, com que costumava dizer, que quando não havia inimigos, erão inuteis os Soldados?

A hum Estado nunca faltaõ inimigos, ou declarados, ou encubertos; & os encubertos saõ mais para temidos. No Inverno não he nociva a vibora, porque não pòde lançar o veneno, que o rigor do frio tem reconcentrado; mas na Primavera tornalhe à vibora cõ a abundancia do veneno a sanha. Do mesmo modo o inimigo encuberto, em quanto não pòde offender, dissimula o odio, & recuperando as forças o manifesta. Tambem com grande cautela devem os Princepes victoriosos proceder com inimigos reconciliados, porque o inimigo reconciliado com o Principe, que o veeo, he sempre inimigo. A razão deste politico paradoxo discretamente a deu aquelle barbaro Scytha, que (como escreve Quinto Curcio) disse a Alexandre, Quint. Curt. lib. que o Principe victorioso ficava senhor, & o vencido, servo, & que entre servo, & senhor não ha verdadeira amizade. 7.

Felice o Reyno, em que sempre a paz (como Pallas) está armada. Não repugna esta bellica disposição à tranquillidade dos Povos, nem o silencio da paz prejudica ao zelo, com que os Princepes attendem à conservação dos seus Estados. Em huma guerra, ainda que universal, pòde huma nação particularter razoens para se não empenhar nella, & para estar vendo com discreta immobilidade o successo. Lá no principio do mundo, quando as milicias Angelicas divididas

vididas em dous corpos de exercito, deraõ batalha ;  
 Ecclesia in officio Sancti Michaelis. Vid. Alcazar in A. poc. pag. 454. col. 1. Yvo Patil. Dig. 3  
 houve no Ceo hum notavel silencio: *Factum est silentium in Cælo* Silencio, & batalha? Si, huns pelejavão, & outros estavão callados, porque não militava para todos a mesma razão para se empenharem no conflicto: *Hi, qui ex officio non debebant pugnare, silebant.* Logo, se atè no Ceo, & nas guerras, que contra Deos se movem, nem todas as milicias celestes tomaõ as armas, bem pòde ser Angelico o silencio dos Princeses, que no meyo dos estrondos de huma justa guerra, por justas razoens se resolverem a não perturbar com bellicos tumultos a paz dos seus Estados.

A mim não me toca mostrar a justiça destas razoens ; aos que por obrigação, & por officio investigaõ os arcanos da Republica, deixo esta occupação ; & para ultimo abono dos que preferem a paz à guerra, digo, que o mais sabio dos Reys, foi o mais pacifico, taõ propria he de huma sabedoria dominante, a suavissima tranquillidade da paz.

Resta, Senhores, que com festivos applausos nos demos reciprocamente os parabens de huma paz, & juntamente de huma serenidade, com que hoje se vem nesta Corte os Astros da primeira grandeza, gloriosamente multiplicados com o luminoso ternario das Magestades. A' real presença da Serenissima Rainha da Gram Bretanha se deve a triplicada Coroa das glorias da Lusitania ; & posto que sempre se vio Portugal na mayor altura, duvido, que em algum tempo se visse esta Corte com tanta Magestade. Para que não falte à Magestade a graça, celebre o Coro das Graças a felice vinda de huma Magestade, taõ inclinada à paz, que para estar satisfeita, foi preciso que buscasse na Esphera da sua Patria o centro da tranquillidade: *Revertere, revertere Sulamitis. Revertere, revertere Pacifica.*



# ORACAM III.

CELEBRA O CORO DAS MUSAS A  
feliz vinda da Rainha da Gram Bretanha.



A primeira tarde o Coro das Virtudes, com o nome de Princeza Celeste, & na segunda tarde o Coro das Graças, com o titulo de Princeza Pacifica tributáraõ à Serenissima Rainha da Gram Bretanha obsequiosas veneraçoes: *Revertere Sulamitis. Revertere Cælestis, revertere Pacifica.* Hoje compoem as Musas o terceiro, & ultimo Coro, & com applausos de Princeza Perfeita celebraõ as glorias da sua felicissima reversaõ: *Revertere Sulamitis. Revertere Perfecta.*

Neste eruditissimo Auditorio não faltará quem pergunte, que sympathy, ou que analogia tem as Musas com a perfeição. Para satisfazer a esta curiosa, & prudente reposta digo, que não fallo nas Musas, que com metricas elegancias enfeitáraõ os delirios da Antiguidade. A doutrina dos Antigos, tão variamente explicada pelas Musas, he huma ridicula contextura dos tresvarios da imaginação, sacrilegamente occupada em a deo far homens indignos, & criminosos. Pòde haver delirio mais impio do que o dar titulos de divindade a hum devorador, Saturno; a hum Sanguinario, Marte; a hum homem do mar, Neptuno; a hum Principe de vento, Eolo; a humas Princezas de agoa doce

as Naiadas, & Nereidas; a hum moço de recados, Mercurio; a hum ferreiro, Vulcano; a hum taverneiro, Bacco; a hum rustico, Pan; a huma caçadora, Diana; a huma energumena, Proserpina; a huma rameira, Venus; a huns verdugos, as Furias; a humas fiandeiras, as Parcas, & aos dous perturbadores do mundo o Amor, & a Fortuna?

Que ociosidade foi a das Musas, empenharemse em grangear creditos a todas as mais fabulosas ficções? Pòde haver extravagancia mais enorme que esta? Hum Athlas, que com as canas dos braços fazia pontalletes ao Ceo; que sem vertigens sentia sobre a cabeça as revoluçoens das espheras, & que debaxo da grande maquina do mundo fazia dos pés Firma méto? Que monstruosas superfluidades são estas? Hum Cerbero com tres bocas, sem sufficientes alimentos para hum corpo; hum Gerion com tres corpos, sem bastante juizo para huma alma; hum Briareo com cem mãos, balistas taó fortes que atiravão com penhascos; hum Argos com cem olhos, alternados exploradores de furtivos affectos?

Que milagres da Architectura, & que impossiveis da harmonia são estes? Hum Amphion, que fortifica o corpo de huma Cidade, tomando à harpa o pulso; que ajusta com a consonancia das cordas a symmetria das pedras, & que levanta muros com papeis de solfa? E quem se persuadirà, que a voz de Orpheo foi a remora dos rios, o freyo dos rayos, & a chamariz dos Brutos?

Que casta de Agricultura foi a de Cadmo? Semear dentes, & colher soldados, prantar ossos, para formar exercitos? & contra todas as leys da milicia nos assedios, que esperança tiverão os Gigantes de Phlegra de escalar o Ceo, enterrando montes, & multiplicando precipicios?



Qual foi o apofentador do Sol, que distribuindo os Signos do Zodiaco em doze casas, deu a este Principe dos Planetas por casa de armas, o Sagittario; por quarto das Damas, o Signo de Virgem; por casa d'agoa, o Aquario, & por tanque o Signo de Piscis; por tribunaes, a Libra, & por corpo da guarda, o Leão; tudo com duplicada hospitalidade, no Signo de Geminis? Lindo Palacio, se nos Signos de Aries, Tauro, & Capricornio se não vira a humildade de hum curral, em que o Cancer retrogrado não dá esperanças de augmentos, & o venenoso Escorpião acomete as vidas.

Finalmente, para que foi fazer do systema do Firmamento hum livro de novellas, & hum volume de paradoxos? A Nao dos Argonautas com resplandores por cordas, & com Estrellas por flammulas; Nao sem velas, & piloto de si mesma, que sempre anda, & sempre está em seco. Os cabellos de Berenice em constellação calva transformados; huma Lyra sem cordas, hú Delphim sem escamas, huma Balea sem barbas, Hercules sem clava, & a Hydra sem cabeças; hum Cysne, & hum Corvo emparelhados na cor; Ganymedes, & Medusa no aspecto parecidos; Pegaso, fóra do Parnasso, & fóra do Egypto o Nilo; duas Uffas tão primorosas, que servem de guia aos Navegantes, & huma Via Lactea, como se o mundo depois de tantos seculos ainda estivera na sua infancia. Confesso, que em versos Heroicos, Saphicos, Adonicos, & mil outros generos de metros cantárao as Musas todos estes delirios da cega Gentilidade, & não me admiro de que na sua genealogia se ache escrito, que são filhas da memoria, porque neste infano exercicio mostrarão as Musas mais memoria, que juizo, com tão pouca religião, que quizerão fazer do Ceo huma chimera, do Inferno huma fabula, & do mundo todo hum enigma.

Tambem não fallo nas Musas, que nas fontes da

Poesia prophana se contaminão, transfugas de Apolo, & sequazes de Cupido; sendo que (se bem advertirmos) a culpa não he das Musas, mas só de alguns Poetas lascivos, Ovidios modernos, & Catullos redi-vivos, que com mortifera agudeza enxertaõ nas azas do amor pennas homiidas da honestidade.

As Musas (conforme escrevem os Mythologicos) eraõ nove irmãas, taõ modestas, que não assistião senão aos banquetes, que a Gentilidade chamava sagrados; tão discretas, que compunhão, & recitavão os Panegyricos dos Heroes; & tão zelosas da perfeição, que o seu mayor empenho era inculcar aos seus ouvintes a imitação das virtudes, que celebravão. O mesmo numero das Musas he hum dos mais adequados symbolos da perfeição, porque as Musas são nove, & no meyõ do novenario está a unidade, dividindo em duas partes iguaes o octonario, que os Pythagoricos attribuem à perfeição da justiça. Tambem o novenario he composto de tres ternarios, & cada ternario de tres unidades, que (conforme a doutrina dos que interpretão os mysterios dos numeros) são imagens, & jeroglyphicos de huma consummada perfeição.

Destas, & outras razoens, que deixo em silencio, se pòde certamente inferir, que tambem as Musas, como imagens, & retratos da perfeição, tem parte na solemnidade do triumpho, com que huma das mais perfeitas Rainhas do mundo vem a ornar com a sua presença a sua Patria.

Já no Museo da Lusitania, no Atheneo das Hespanhas, na Metropoli das Sciencias, quero dizer, na celebre, & nunca affaz celebrada Universidade de Coimbra, anticipaõ as Musas os seus applausos, & com mysteriosa evidencia conheceraõ na Serenissima Rainha Dona Catharina huma soberana perfeição, vendo, que dilatava a sua chegada à Corte, para consa-

grar as suas primeiras assistencias ao culto da santidade.

Por haver buscado ao mais sabio dos Reys, não foi a Rainha Satã a mais sabia das Rainhas, porque foi primeiro ao Paço, eue ao Templo, & com o alvoroço de ver a Corte de Salamão, não deu no Templo de Jerusaleem a primazia à piedade. Não assim a Sereníssima Rainha da Gram Bretanha, que vindo a esta Corte, se desviou do caminho, para dar as primicias ao Templo, em que foi venerar as sagradas memorias de huma Rainha, que até no imperio da morte, & nos estragos da sepultura sustenta com a incorrupção do corpo os decòros da Magestade.

Em quanto estamos contemplando a nossa piíssima Princeza, prostrada aos pès da Rainha Santa, para multiplicar com devotos obsequios Coroas à humildade, entrem as Musas a festejar com a consonancia das vozes a harmonia das perfeiçoens da grande Rainha da Gram Bretanha. *Revertere, revertere Sulamitis. Revertere, revertere Perfecta.*

**A** Perfeição, no sentido, em que actualmente fallo, he o realce de huma excellencia natural, ou moral, com que os fogeitos, que a possuem, sobrepuão aos que não tiverão a fortuna de a conseguir. Por isso vemos, que no estado da natureza todas as criaturas superiores ás outras tem alguma perfeição dominante. A Aguia, Rainha das aves, a todas excede na sublimidade dos voos, & na perspicacia da vista; & o Leão, Rey dos animaes, supera a todos na generosidade, & no valor: se houvera outro metal mais puro que o ouro, não fora o ouro Rey dos metaes; & se chegára huma Estrella a ser mais clara que o Sol, acabára o Sol de ser Rey das Estrellas. Na Republica do corpo humano o coração he izento das enfermidades, que se

*Potentia  
quidem ac  
meliora do  
minantur,  
imbecilliora  
verò, de-  
terioraque  
serviant.  
Plato in  
princip. lib.  
5. de L. L.  
vide eun-  
dem in  
Gorgia. pag  
334. C.*

communicaõ às mais partes, porque o coração he o Príncipe desta Republica; o mar, que he a origem das fontes, & a fonte dos rios, nem como os rios se seca, nem como as fontes se esgota; & o Ceo, que a todos os Elementos preside, não està fogeito às alteraçoes, & variedades dos Elementos.

Tambem na vida moral com a perfeição das virtudes se merece, & se alcança outra semelhante superioridade. A perfeição da paciencia deu a Job o titulo de Rey dos pacientes; a perfeição da penitencia fez a David Rey dos penitentes; & com a perfeição da sabedoria conseguiu Salamaõ a Coroa de Rey dos Sabios. No fundamento desta doutrina se assenta a fabrica deste ultimo discurso, em que com o favor das Musas mostrarei, como a perfeição do retiro da Serenissima Rainha da Gram Bretanha, lhe dà huma tão sublimem preminencia, que com razão se pôde chamar Rainha Perfeita. *Revertere Sulamitis. Revertere Perfecta.*

No primeiro Coro do acto segundo da tragedia de Thieftes por boca de Seneca dão as Musas a definição de hum Rey perfeito:

*Nescitis cupidi arcium  
Regnum quo jaceat loco.  
Regem non faciunt opes,  
Non vestis Tyriae color,  
Non frontis nota regiae,  
Non auro nitidae trabes.  
Rex est, qui posuit metus,  
Et diri mala pectoris,  
Quem non ambitio impotens,  
Et nunquam stabilis favor,  
Vulgi praecipitis movet.*

E mais abaxo :

*Rex est, qui metuit nihil,  
Rex est qui que cupit nihil,*

*Hoc regnum sibi quisque dat.*

Que discretamente defenganão as Musas a lisonjeira presumpção dos Soberanos! Não he sempre Rey aquelle, que o parece, porque no theatro do mundo como no tablado da comedia muitas vezes os representantes parecem o que não são. Trazer Coroa, não he ser Rey, porque houve Reys no mundo, primeiro que fossem inventadas as Coroas. O primeiro Rey, & Progenitor de todos os Reys, não trouxe ao mundo outra Coroa, que a da innocencia. As mais Coroas, de que a vaidade deu o modello, mostraõ na circumferencia da sua figura a volubidade da sua natureza, & quem quizera investigar a mysteriosa significação das perolas, dos rubis, & dos diamantes, enganosos abonadores das Coroas, facilmente entendêra, que nas cabeças dos Princepes as perolas são congeladas distillações do suor do seu trabalho; que com as immortaes chamas dos rubis se perpetua o fogo da ambição; & que pelas pontas dos diamantes transluzem os espinhos dos cuidados.

Nem sempre o throno he o distinctivo da mayor fortuna, porque nos altos fica a felicidade mais exposta aos tiros da enveja; nem para os subditos he mais benefica esta exaltação, porque a eminencia do lugar não emenda as imperfeições dos que o occupão, assim como Saturno, por ser o mais alto dos Planetas, não melhora as suas influencias. Finalmente não querem as Musas definir a gloria dos Reys pela sublimidade do imperio, pela opulencia dos thesouros, pela obediencia dos vassallos, nem por todos os mais luzimentos de aquella pompa exterior, com que se estende a superficie da felicidade; mas ao entender destas discretissimas avaliadoras dos bens da fortuna, só he Rey aquelle, que tomou por vassallos as suas paxoens, por inimigos os vicios, por limites dos seus Estados a moderação dos

seus defejos, por throno a constancia, & por Coroa o defengano.

Verdade he, que se geralmente se observàra esta doutrina, seriaõ no mundo os Sceptros tão cõmundos, que em todas as casas se achariam Reys, com tam individual implicancia, que o mesmo homem seria Réy juntamente, & subdito; Rey de si mesmo, & subdito do seu Rey; Rey de si mesmo pelo dominio nos seus appetites, & subdito de seu Rey, pela fogueiã da vassallagem. Mas desta implicancia, & desta imperfeição estã hoje a Serenissima Rainha da Gram Bretanha tam gloriosamente izenta, que sem metaphora, & sem lisonja se pòde justamente chamar Rainha Perfeita, Rainha, pela independencia da sua Real pessoa, & Perfeita pelas prerogativas da sua independencia.

Para a intelligencia destas soberanas perfeições havemos de suppor, que na ordem da natureza a mayor, & a mais gloriosa felicidade da vida humana consiste nestas duas negaçõens, não servir, & não governar; não servir, porque servir he escravidão; nem governar, porque governar, he mais que escravidão. Servir, he ser servo de seu senhor, mas governar, he ser servo de seus servos. A' posteridade de Cham, & por consequencia a Nembroth, seu descendente, & primeiro Rey da Assyria depois do diluvio, com propheticó espirito disse o Patriarca Noe, que seria servo de seus servos: *Servus servorum erit*. Si, por isso mesmo, que Nembroth chegou a ser Rey, & a governar Estados, tambem nelle se verificou a prophecia da escravidão, porque o governo he hum cativo, em que os senhores são servos dos seus vassallos: *Servus servorum erit*.

As penalidades desta servidão não as declara, quem as experimenta, porque a confissão deste trabalho poderia parecer abatimento da soberania. Esta he a primeira angustia da servidão de quem impera, não ter li-

berdade,

berdade para se queixar, & ter que sofrer mais que todos. Sente o subdito as suas penas, & tem a satisfação de chorar os seus proprios infortunios; mas ao Principe correm, & recorrem todas as lagrimas, & sobre elle carregão todas as queixas dos subditos; o que parece quizeraõ significar certas naçoens, que formáram as Coroas dos Reys a modo de Navios, porque as Coroas são Navios de carga, em que todos os generos, que se embarcaõ, são trabalhos.

*Refert Strabo quosdam Reges usos coroná, navis speciem repraesentante.*

Dai-me licença, (Senhores) para dizer, que isto que chamais governo politico, he hum confuso exercicio de Artes liberaes, & mecanicas. Estar sempre com a balança ponderando razoens de Estado, & com o compasso da circumspecção medir as acçoens mais indifferentes; sondar com profundo juizo os negocios; lançar as linhas, aceitar as peças, & fazer a pontaria ao alvo dos seus intentos; nas empresas mais arduas a tirar por suas elevaçoes, & ferir a tiro razo nas materias de menos porte; fazer anatomias dos Estados dos Principes, & com anzois de ouro pescar os mais reconditos arcanos; fogueitar ao jugo da obediencia espiritos rebeldes, & perseguir com o açoute do castigo os delinquentes; preparar antidotos contra o veneno da enveja, & compor lenitivos para conciliar genios oppositos; na citraria da nobreza abrandar o orgulho de aves agrestes, & altaneiras; sangrar os Povos em saude, & com evaporaçoens da bolsa curar as repleçoens da Republica; mostrar na superficie hum alegre frontispicio, & por aqueductos sotterraneos desfogar o sentimento; pintar com claros, & escuros as verdades, com realces as melhoras, & em escorço as perdas; doutrar palavras, illuminar esperanças, & deixar os premios em perspectiva; navegar nas bonanças com cautela, & forcejar nas tormentas; semear beneficios, & colher ingraticidoens; cultivar plantas, & provar dissabores; que-

rer acudir a todas as desordens, o que só Deos pôde fazer, & contentar a todos, o que no governo deste mundo o mesmo Deos não faz; & finalmente andar sempre com o cuidado da provisão dos cargos, dignidades, cadeiras, presidencias, prelazias, & com todo o peso da Republica, que nos hombros dos Princeses lhes poz a sua fortuna, ou a sua desgraça. Pôde haver servidaõ mais trabalhosa, que esta?

Atè na etymologia do nome, com que os Gregos chamaõ aos Reys, se conhece a fatalidade desta servidaõ. Na lingua Grega, da palavra *Basis*, que significa *Bafe*, vem o nome *Basileus*, que quer dizer *Rey*, porque na symmetria do governo os Reys saõ as bases, que tem sobre si todo o peso, & com inevitavel oppressaõ sustentaõ as columnas do Imperio; & he para advertir, que tambem na circumferencia das bases ha Corroas, ou ( como lhe chama o vulgo ) cintas, porque com o diadema, com que cinge a cabeça, aperta o Principe a sua liberdade.

Aos que não trataõ as redeas do governo, não he facil persuadir esta verdade, porque só na sublimidade do Imperio, que he o monte da grandeza humana, offerece a experiencia claras noticias para o defengano. Aos subditos, que estando ao pé do monte, olhaõ para os altos, lhes parece, que o monte confina com o Ceo, & que esta altura he o zenith da felicidade; mas os que se achaõ em cima do monte, se vem muito distantes do Ceo, & olhando para baxo, por todas as partes vem despenhadeiros, & precipicios.

A consequencia, que destas premissas se tira, he, que neste mundo tem a nossa vida duas inevitaveis imperfeicoens, nascidas da necessidade de servir, ou de imperar; & só no meyo destes extremos está a perfeiçaõ, a saber, nem servir, nem imperar, porque ( como já tenho mostrado ) tambem o imperar he servir.



Esta pois he a notavel, & quasi inimitavel perfeiçam, com que gloriosamente se singulariza a Serenissima Rainha da Gram Bretanha, porque taõ fóra está de servir, que a mais excelsa nobreza com emulação a serve; & taõ alhea está de imperar, que do Reyno, onde mais se poderia estender o seu imperio, se ausenta.

Oh que perfeita liberdade, não servir como subdita, & não imperar, ainda que Rainha! não estar sogeta às dependencias da vassallagem, & estar fóra dos embaraços da politica! Não se empenhe a ambição em desestimar a quietação deste retiro: que se as turbulencias da vida publica se houverem de preferir ao fozego da vida privada; forçosamente se fará mayor estimação das tormentas, que da bonança; da enfermidade, que da saude; & da agitação de hum perpetuo movimento, que da consistencia de hum imperturbavel estado.

Nem contra estas razoens se acrecente, que no exercicio da soberania se ostenta a perfeição do talento; porque os espiritos de superior esphera não se occupão sempre no governo da Republica. Os Anjos das primeiras Gerarchias, ainda que perfeitos, não são os que mové os orbes celestes. Aos animos sublimes lhes parece, que prophanão a sua fidalguia, quando se abatem ao manejo de negocios temporaes. Dentro de si mesmo affaz tem que fazer, quem se applica a merecer os premios da eternidade. Para esta tão importante occupação não ha estado mais perfeito, que o de huma tranquillidade, izenta dos trabalhos da servidaõ, & dos cuidados da Regencia.

Neste perfeitissimo estado logra hoje a Serenissima Rainha da Gram Bretanha estas tres inestimaveis felicidades, não servir, não imperar, & não imperando gozar todas as preminencias de soberana. Oh! que perfeita liberdade! Isto he viver na terra, como no

Ceo, ou quando menos, como no Paraizo. No Paraizo terreal vivem os dous Prophetas Henoch, & Helias com tão perfeita liberdade, que não tendo superiores, que os mandem, não fervem; & faltandolhes inferiores, a quem mandar, não imperaõ, & nesta admiravel mediania entre a servidaõ, & o imperio, são mais felices, que todos os Reys do mundo.

*Rabbanus,  
& Strabus  
idem asse-  
runt.  
Vid. Abn-  
lenf. in cap.  
2. Genes.  
quest. 12.*

Para o logro desta bemaventurança não podia haver lugar mais proprio, que o Paraizo terreal, que conforme a opiniaõ de Santo Isidoro, & do Veneravel Beda estava situado em hum altissimo monte, que chegava até a Lua; porque a Lua he o Planeta, que com a interposiçaõ do seu corpo divide na esphera do Universo o dominio da servidaõ. Da Lua para cima os mais Astros são os Princepes, que dominão; da Lua para baixo os Elementos são os subditos, que servem, & no meyo dos dous extremos anda a Lua tão socegada, que no seu reynado se logra com o silencio da noite o descãço dos trabalhos do dia; tão assistida, & tão respeitada, que só a esta dominadora das sombras clara, & visivelmente fazem corte as Estrellas; & tão senhora de si, q não se sojeita à severa constancia, com que os Astros superiores observaõ a uniformidade do luzimento, porque hora sahe a Lua com galas, & hora sem ellas, hum dia com hum resplandecente semicirculo, & outro dia com toda a pompa da sua luz; algumas vezes com bioco, & outras com cara descuberta, & com a figura de hum arco de ouro sem corda parece quer mostrar, que só com riquezas sem sojeiçaõ se fazem preciosas as Coroaas.

Que vos parece, (Senhores) que só no globo da Lua está o Paraizo terreal, & que só naquelle excelfo domicilio se pode lograr a perfeiçaõ de huma regia liberdade? Não vos lembraõ as memorias, que vos deixaraõ os investigadores das antiguidades da Lusitania?

Nestas

Nestas memorias acho escrito, que à Lusitania, ou Ly-  
 sia deraõ os Antigos este nome, por entenderem que  
 as terras da Lusitania eraõ os campos Elyfios, & o Pa-  
 raizo terreal, em que as almas dos Heroes descansavaõ,  
 & a seu tempo sobiaõ ao globo da Lua pelo Promon-  
 torio de Cintra, que por ser taõ alto, que a seu ver con-  
 finava com o Ceo, foi chamado Monte da Lua.

*Veja se  
 Luis Ma-  
 rinho de  
 Azevedo  
 nas Anti-  
 guidades  
 de Lisboa,  
 Livro 1.*

Mas para que he recorrer a fabulosas prerogati-  
 vas, quando he certo, que o territorio de Lisboa he o  
 Paraizo terreal da Europa, em que parecem arvores  
 da vida as plantas, que com vegetativos primores eter-  
 nizaõ Primaveras, & arvores da sciencia as Cadeiras, &  
 os Pulpitos, em que se se naõ ensina quanto Deos sabe,  
 tudo o que Deos quer, que se saiba, se ensina? Com dous  
 habitadores o Paraizo terreal estava taõ deserto, que  
 antes parecia monte, que Paraizo; & tem Lisboa mô-  
 tes, que saõ Cidades, & em lugar de quatro Rios, hum  
 Rio, que he mar; & se hum daquelles Rios banhava  
 terras fecundas de ouro, leva o Tejo as suas agoas, pul-  
 verizadas em ouro, como se andara preparando ouro  
 potavel para a conservação das vidas. Se hum Cheru-  
 bim com espada de fogo guardou a entrada do Paraizo  
 terreal: quantos Cherubins, & quantas espadas de fo-  
 go lançaõ com o braço Portuguez, aos que dos mô-  
 tes de Lisboa querião fazer as bases do seu Imperio? O  
 Monarca pois, que domina este Paraizo, tem nas qua-  
 tro partes do mundo Colonias, & Reynos com Vassal-  
 los, & Princepes tributarios, o que no principio do seu  
 Reynado naõ teve o primeiro Dominador do mundo;  
 nem da Princeza, que neste Paraizo terreal impera, se  
 pode reccar, que se deixe enganar por huma serpente,  
 porque o seu mesmo nome, como synonimo da sabe-  
 doria, he o antidoto contra os venenos do engano.

*part. 1. cap  
 20. & 21.*

*Ipsa est  
 qui circum  
 onem te  
 ram Hevi-  
 larb ubi  
 nascitur  
 aurum.  
 Genes. 2.*

*11.*

Augustissima, felicissima, gloriosissima Rainha da  
 Gram Bretanha, justo era, que Vossa Magestade se re-  
 colheffe

colheffe a este domicilio, porque a huma Princeza Celeste convinha, que tivesse por habitação hum Parai-  
 zo: *Revertere Sulamitis. Revertere Caelestis.* Tambem  
 para huma Princeza Pacifica, não podia haver retiro  
 mais proprio, que hum Reyno, em que reyna a paz:  
*Revertere Sulamitis. Revertere Pacifica.* Finalmente  
 razão era, que huma Princeza Perfeita se achasse em  
 hum estado tão perfeito, que logrando as preminen-  
 cias de Rainha sem os incommodos da Regencia, uni-  
 camente se applicasse a conseguir aquella summa per-  
 feição, que na eternidade tem a sua Coroa: *Revertere*  
*Sulamitis. Revertere Perfecta.* Unaõse pois os tres  
 Coros das Virtudes, das Graças, & das Musas, & com  
 reciprocos applausos celebrem os acertos, as felicida-  
 des, & as glorias desta suspirada reversão.

*Revertere, revertere Sulamitis.*

*Revertere Caelestis,*

*Revertere Pacifica,*

*Revertere Perfecta.*

# LAVS DEO.

